**COLÓQUIO DE CONVERGENCIA 2019**

**CRISE NA CULTURA**

Gostaria de agradecer pelo viés para nada ingênuo, que nos propõem da abordagem terminológica no argumento deste Colóquio.

Começo compartilhando um fragmento de minha clínica:

*José Luis está em análise faz vários anos. Músico e criador excelso de folclore, começou sua carreira cantando junto a seu pai nas penhas populares de sua província. Sua infância esteve marcada pela violência familiar e sua juventude, pelo rancor. Este foi objeto do trabalho analítico de todo este tempo.*

*Recentemente ocorreu uma tragédia: morreu um dos seus irmãos num acidente rodoviário. Embora, num primeiro momento, realizaram-se as cerimônias formais, é duas semanas depois quando a numerosa família, que a violência tinha afastado, consegue encontrar-se. A ocasião é um concerto já programado do José Luis. "Foi ancestral: fizemos um poço no pátio de casa, e ali queimamos e enterramos a roupa e os óculos que meu irmão levava no acidente. À noite, no recital, cantamos todos… ou cantei para todos. Então, só então, pude entender".*

*As Culturas Andinas da América do Sul, anteriores à conquista, não estavam acostumadas a enterrar seus mortos em cemitérios, mas sim dispunham no pátio de suas casas, um lugar atribuído às vasilhas mortuárias. O defunto seguia estando no seu lar e era ali onde o choravam. A ponto de que uma vez ao ano, na festa de Aya Macay Quilha, tiravam as vasilhas com seus mortos em procissão. Esse dia, as lágrimas estavam proibidas, e em seu lugar, havia música, danças e gratidão. Esses e outros costumes davam conta de uma concepção muito diferente à cristã, em relação à comunidade e à família: os mortos seguiam fazendo parte dela. E a comunidade, por sua vez, era uma coisa só com a mãe terra, com a responsabilidade de cuidado mútuo que isto significa.*

*Eu não sei quanta notícia tem a família do José Luis desses dados históricos, mas, indubitavelmente, algo do reparador destas práticas ficou em ato ali, como parte do trabalho do duelo.*

O termo CULTUTRA, em sua raiz indo-europeia, remete a "afundar alguma coisa na terra para modificá-la".

CIVILIZAÇÃO, em troca, dá ideia de inoculação, por parte de uma instância superior para outra inferior, de uma condição virtuosa que esta última não tem. Suporta uma concepção etnocêntrica.

Uma das obras institucionais da Literatura Argentina do século XIX se chama "Facundo ou Civilização e barbárie nas pampas argentinas", de Domingo F. Sarmiento, intelectual da geração do '37 na América Latina. Sarmiento desenvolve ali a dicotomia entre a civilização e a barbárie, a cidade e o campo, o colonial e o originário. É por esta razão que *Facundo* influiu profundamente na visão de uma realidade fragmentada. Deu-lhe forma assim, a uma polêmica que começou no período colonial e que ainda continua.

Podemos dizer que os fenômenos de aculturação não são novos. São próprios de todos os processos imperialistas, desde Babilônia até hoje. Mas o que tem de peculiar e radical, dir-se-ia, a modalidade de produção simbólica do Capitalismo na sua versão neoliberal? E no que concerne essa peculiaridade à psicanálise?

Nos tempos que nos corresponde analisar, a versão neoliberal do capitalismo, constrói brinquedinhos cada vez mais efêmeros para comprar, produtos virtuais, corpos *prét Á portér*, dietas sem fome, pizzas em 10 minutos em sua casa, até pseudoverdades prontas para colocar na cabeça... ideais para perder a memória.

Vem a tona o mito grego: as almas, antes de entrar no Hades, bebiam do rio *Leteo*, o das águas do esquecimento. A do capitalismo parece ser uma subjetividade sem memória. Onde tudo parece, e é desejável que assim seja, resplandecente, com cheiro de novo, despojado, quanto possível, das marcas do tempo.

O sociólogo argentino Saúl Feldman define o atual regime como *Cinicracia*: este modo do neoliberalismo desenvolveu um individualismo exacerbado. O eixo desse sistema de gestão de poder é a manipulação admitida como normal. O cínico moderno vai além da mentira, diz Feldman: Enquanto o mentiroso reconhece uma lei que transgride, o cínico desconhece contrato algum. Instala assim o desassossego e o desamparo.

Mas aproximemo-nos do que nos incumbe: quando Lacan se propôs teorizar sobre o laço social na era do consumo, formula o matema do Discurso Capitalista. Neste, o cuadrângulo dos discursos fica subvertido, retorquido de maneira que se quebra o par ordenado S1-S2. O sujeito fica assim "liberado" de suas insígnias identificatórias e lançado a uma locação de falso amo. O amor, portanto, fica relegado.

E ao lugar das identificações culturais e morais do sujeito, onde se demandava via supereu "como o Pai tem que ser", onde trovejava sua voz autorizada, vai parar a insistência da mídia, onde tem razão, simplesmente, quem berra mais forte.

Deixar de lado as coisas do amor -ao Pai-, e consequentemente os outros na irmandade do discurso- implica ficar à mercê de um gozo arrasador, sem mediação alguma.

Fica claro assim, como o aparelho de poder é um fabricante de subjetividade. O capitalismo forclui ao sujeito. É um dispositivo de gozo que promove um indivíduo a-histórico, que "não deve nada a ninguém". Em consequência, considera seus **sucessos** ou fracassos, efeito de seu mérito ou demérito.

É nesta junção, e não sem ela, que a experiência analítica põe o foco no extemporâneo, no paradoxalmente distópico do desejo: localiza um sujeito de outra ordem, correlacionado com a falta, sustentado no fantasma, o qual obtura essa falta do Outro. O Sujeito do psicanálise nunca é redutível a uma construção histórico-política. Precisamente, emerge dentre esses andaimes significantes. Não pode reduzir-se, portanto, a um produto. O Sujeito do inconsciente, é o efeito de pôr a jogar a castração por meio dum ato, o ato analítico.

O analista intervém sabendo que o modelo discursivo neoliberal, como provém do discurso do Amo, tem a faculdade de manipular o desejo neurótico de ser amado pelo Outro. Quem analisa tem que ter em seu horizonte o impulso para gozar do consumo. Ler e desconstruir esses imperativos faz possível capiná-los dos mandatos singulares do supereu. Noutras palavras, a análise possibilita o movimento oportuno para produzir o vazio que faça circular o desejo.

E isso só será viável atravessando a instância de religar o sujeito com suas insígnias identificatórias. Nesse plano, embora o sujeito se encontra sozinho, confrontado com seus gozos, não se trata de uma posição solipsista. É uma solidão povoada dos outros de sua história, concernida de seus pertences, e portanto, de algum jeito, solidário do semelhante. O outro, embora distinto em seus interesses e oportunidades, concerne-me.

Leio no Seminário 11: *"A manobra da transferência tem que regular-se de maneira que se mantenha a distância entre o ponto onde o sujeito se vê a si mesmo amável e esse outro onde se vê causado como falta pelo objeto a".*

E para achar esse ponto de amabilidade, uma das estratégias da transferência, é a ternura.

Não tentamos defini-la exaustivamente. Seria trair seu espírito. Mas podemos dizer que as expressões da ternura têm a marca do temporal: a pausa, os ritmos da vida, o momento da detenção indispensável para o registro do mais humano no outro, a diferença na repetição…, e o que ela transmite além das palavras.

Escrevia Fernando Ulloa: *"Falar da ternura nestes tempos de ferocidades não é ingenuidade nenhuma. É um conceito profundamente político. É pôr o ênfase na necessidade de resistir à barbarização dos laços sociais que atravessam nossos mundos"*.

Introduzir a ternura não é depor a abstinência, porque abstinência não é indolência. É produzir um corte à crueldade, restabelecendo um lugar de hiância onde um Sujeito, que se apresenta como arrasado, possa chegar. Se o pensarmos da lógica borromea, implica dispor-se a percorrer a dimensão de um gozo mais à frente do sentido, onde o corpo, em sua materialidade feita de palavra, descobre-se na dimensão do não tudo.

A "civilização" neoliberal empresta seus significantes ao poder, e portanto, à crueldade. A dimensão do cultural, em troca, a que o ser falante não se reduz, mas que o atravessa, contribui à ternura. E pode constituir-se em uma aliada para lidarmos com o impossível a suportar.

Volto para recorte clínico: é o duelo um dos momentos em que o sujeito precisa pegar mão da cadência, do tempo da detenção, dos significantes da ternura. Não é por acaso que o discurso imperante, em sua tentativa de pular os rituais, renegue do que fica em jogo num duelo: a perda.

E, concordando com quem insistia a não retroceder, renovamos nossa aposta à dimensão da cadência, do temporal, para que um sujeito possa advir.

Marcela Ospital

(em colaboracao com Selva Acuña, Carolina Fábregas Solsona, Claudia Messer y Jorge Risso)

CÍRCULO PSICOANALÍTICO FREUDIANO